



Cira Arqueologia

N.º 5



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira





Cira Arqueologia

N.º 5



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

Alberto Mesquita, Ana Margarida Arruda, António Valongo, Carlos Pereira, Carolina Grilo, Cézer Santos, Cleia Detry, Elisa de Sousa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira, José Pedro Henriques, Mário Longuinho Pereira, Nuno Mota, Rodrigo Banha da Silva, Rui Roberto de Almeida, Tânia Casimiro, Vasco Gil Mantas, Victor Filipe

REVISÃO

João Pimenta, Henrique Mendes

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

2016/2017

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

Apresentação - Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	5
1	9
A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal) ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E ANA MARGARIDA ARRUDA	
2	33
Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Un Sítio Paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas CARLOS PEREIRA	
3	55
Os Cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos) MÁRIO LONGUINHO PEREIRA	
4	76
O Miliário da Quinta de Santa Teresa (Alenquer) e outros problemas viários associados VASCO GIL MANTAS	
5	86
A cerâmica comum da <i>villa</i> romana de Povos, Vila Franca de Xira CAROLINA GRILO E CÉZER SANTOS	
6	116
A Urbanística do Subúrbio Ocidental de <i>Felicias Iulia Olisipo</i> (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145 RODRIGO BANHA DA SILVA E ANTÓNIO VALONGO	
7	149
Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de <i>Olisipo</i>. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa NUNO MOTA, CAROLINA GRILO, RUI ROBERTO DE ALMEIDA E VICTOR FILIPE	
8	207
Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E MIGUEL CORREIA	
9	238
Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum CLEIA DETRY E JOÃO PIMENTA	
10	260
Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOÃO SEQUEIRA	
11	274
Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI E XVII TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOSÉ PEDRO HENRIQUES	



Cirra Arqueologia

N.º 5

➤ Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados

JOÃO PIMENTA CEAX – CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA/ UNIAHQ – CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. FACULDADE DE LETRAS. UNIVERSIDADE DE LISBOA.

HENRIQUE MENDES CEAX – CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA

MIGUEL CORREIA MUSEU MUNICIPAL DE ALCOCHETE

RESUMO

Entre o acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, preservam-se diversas coleções de natureza arqueológica de distintas épocas e períodos culturais, que tem como condutor comum a sua recolha em meio aquático no leito do rio.

Na sequência da descoberta de uma nova peça romana e da sua entrada nas reservas do Museu, decidiu-se ser esta uma excelente oportunidade de trazer a público um conjunto de ânforas com a mesma proveniência e historial e que tinham dado entrada desde o estudo de José Carlos Quaresma de 2005, assim como, um conjunto de cerâmicas finas, duas lucernas, cinco almofarizes e três peças em cerâmica comum que de há muito aguardavam oportunidade de estudo, no acervo do Museu de Vila Franca de Xira.

ABSTRACT

Among the collection of the Municipal Museum of Vila Franca de Xira, there are several collections of archaeological nature of different periods, whose common driver is its collection in an aquatic environment on the river bed.

Following the discovery of a new Roman piece and its entry into the Museum's reserves, it was decided that this would be an excellent opportunity to bring to the public a set of amphorae with the same provenance and history that where discovered since the study of Joseph Carlos Quaresma of 2005, as well as a set of fine ceramics, two lamps, five mortars and three pieces in common pottery that have long awaited study opportunity, in the Vila Franca de Xira Museum collection.

1. Enquadramento

O papel do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, na divulgação e estudo das vivências das comunidades ribeirinhas do Tejo, estabeleceu uma relação invulgar destas com o Museu e um sentido de pertença verdadeiramente enriquecedor.

Fruto dessa relação e intercâmbio, desde um primeiro momento fundador desta instituição museológica, criou-se o salutar hábito de recolha e de entrega voluntária de acervos de diverso e distinto cariz, atestando as vivências do rio, suas artes e história.

Assim, a par de acervos de cariz etnográfico e etnológico, deram entrada em diversos momentos, coleções de natureza arqueológica de distintas épocas e períodos culturais, que tem como condutor comum a sua recolha em meio aquático no leito do rio.

Não podemos, deixar de destacar que entre as coleções de arqueologia sobressaem os materiais cerâmicos de época romana, tendo estes sido já alvo de alguma atenção, nomeadamente as ânforas (Diogo, 1987-88; Diogo e Alves, 1988-89 e Quaresma, 2005). Contudo, outros períodos encontram-se igualmente atestados, desde a pré-história ao período contemporâneo. Destas ricas coleções, foram igualmente estudados, alguns materiais de época Islâmica, assim como, do período Moderno (Blot e Rodrigues, 2003; Simplicio, 2003). Esperamos em números futuros desta Revista, trazer progressivamente a público estas coleções.

Grande parte deste acervo, se não a sua totalidade, resulta da prática da pesca de arrasto de fundo. Esta consiste, como a sua designação revela, na utilização por uma ou mais embarcações de uma ampla rede que é arrastada pelo(s) barco(s) ao longo de determinado percurso, utilizando pesos para manter a rede à profundidade pretendida. O facto de esta pesca de fundo, muitas vezes roçar a base do Tejo, leva a que por vezes prenda e liberte materiais inertes de alguma volumetria.

É habitual ao abordarmos as comunidades piscatórias do Tejo, alguns pescadores mencionarem as suas descobertas, de vasos cerâmicos, ânforas etc. Tendo alguns, o cuidado de os guardar e entregar em Museus e outros pouca atenção para com eles, sendo muitas vezes devolvidos ao rio ou desviados para outros circuitos de índole comercial. De facto, temos que ter presente que dessas descobertas, nem todas chegam até nós encontrando-se muitos materiais em coleções particulares. FIGS. 1 E 2

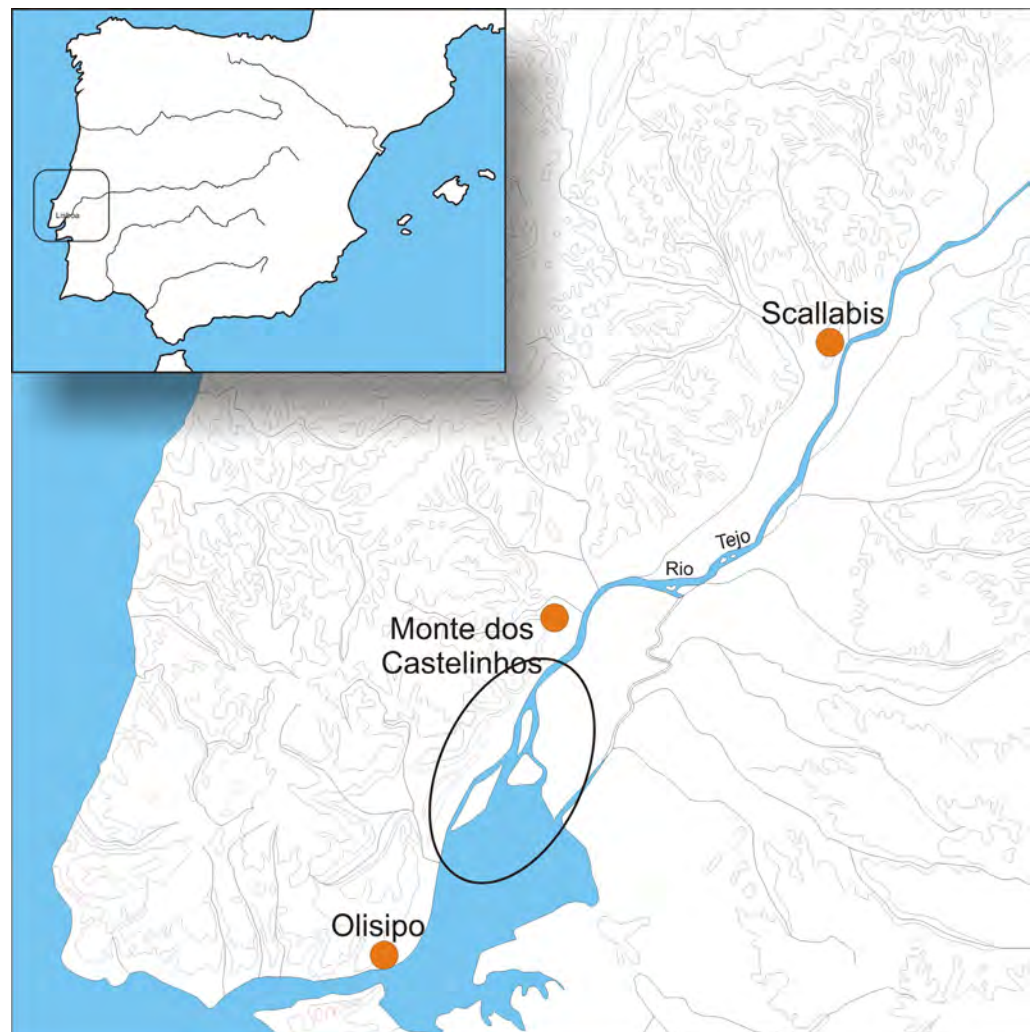


Figura 1
Localização da área em análise, na península Ibérica em geral e no vale do Tejo em particular, com a localização dos principais núcleos urbanos de época romana.

Figura 2

Área do rio onde tem vindo a ocorrer a recolha da maior parte dos materiais. Ainda que se denote uma maior concentração junto ao Mouchão da Póvoa temos referência de materiais romanos recolhidos até à zona em frente à Vila de Alhandra. Extraído da Carta Militar de Portugal 1/25 000, Folha N.º 404.



2. Razões do presente trabalho

O desencadear do presente estudo, surgiu precisamente de um achado involuntário, decorrente dos trabalhos de pesca no rio. Em 31 de Julho de 2015, o Sr. Estevão Boieiro, recolheu no fundo do Tejo o resto de uma ânfora romana, içada segundo a descrição do seu achador, pela âncora da sua embarcação. Prontamente ofereceu a peça ao Museu Municipal de Alcochete, fornecendo a informação de a ter recolhido numa zona entre as Vilas de Alverca do Ribatejo e Alhandra. Analisada a peça por um de nos, (M.C.), verificou-se tratar de uma ânfora vinária itálica de cronologia romana republicana, similar a outras já recolhidas na mesma área (Figura 3, n.º 1). Sendo esta proveniente do território do Município de Vila Franca de Xira, decidiu-se o depósito deste exemplar no Museu Municipal deste concelho Ribatejano, onde deu entrada dia 4 de Janeiro de 2017.

Na sequência desta descoberta, decidiu-se ser, uma excelente oportunidade de trazer a público um conjunto ânforas com a mesma proveniência e historial e que tinham dado entrada desde o estudo de José Carlos Quaresma de 2005, assim como, um conjunto de cerâmicas finas, duas lucernas, cinco almofarizes e três peças em cerâmica comum que de há muito aguardavam oportunidade de estudo, no acervo do Museu de Vila Franca de Xira.

2.1. As ânforas

Traz-se à coação um conjunto de materiais inéditos, compostos por dezasseis fragmentos de ânforas que em melhor ou pior estado de conservação chegaram até ao Museu de Vila Franca de Xira nos últimos dez anos.

A aquisição do vinho itálico, produzido nas grandes *villae* esclavagistas da costa tirrénica da península italiana, durante o período romano republicano e inícios do Império está documentada pela presença de três ânforas distintas, que se sucederam no tempo.

A mais antiga corresponde a um modelo denominado de Greco-itálico (Figura 3, n.º 1). Este tipo foi pela primeira vez identificado por Fernand Benoit (1957, p. 251), e corresponde a uma produção pouco homogénea, de inspiração helenística, que se assume como o protótipo de que derivam as formas das ânforas itálicas durante a época republicana (Manacorda, 1981, p. 24).

A sua produção encontra-se atestada para a Sicília, assim como para diversas áreas da Península Itálica, com diversos centros produtores documentados através de um programa de prospecções sistemáticas (Hesnard e Lemoine, 1981; Hesnard et al., 1989). Parece concentrar-se na costa tirrénica na região da Campânia, sul do Lácio e Etrúria, embora deva ter sido igualmente fabricada na costa adriática (Cipriano e Carre, 1989 e Laubenheimer, 1990).

O seu fabrico inicia-se em finais do século IV a.C. e perdura até meados da segunda metade do século II a.C., colocando-se a transição entre este modelo e a forma Dressel 1 que lhe sucede, entre os anos 140/130 a.C. (Tchernia, 1986, p. 42; Sanmartí-Grego, 1985, p. 151).

Tendo em conta, que no caso em apreço, estamos a lidar com um exemplar tardio de Greco-Itálica, que podemos já enquadrar em meados do século II a.C., importa sublinhar que mais do que uma transição entre duas formas distintas, esta consiste numa evolução contínua sem ruptura aparente. E que, tendo em conta quer os dados dos centros produtores conhecidos (Hesnard e Lemoine, 1981), quer de sítios de consumo como Lisboa (Pimenta, 2005), terá ocorrido nas mesmas olarias, tendo coexistido durante cerca de uma década, e sendo produzidas e comercializadas nos mesmos circuitos de distribuição.

Essa continuidade a nível morfológico, nem sempre torna clara a sua identificação, o que nos levou a optar por seguir o método proposto por A. Hesnard e C. Lemoine (1981), criticado e desenvolvido por Sanmartí Grego (1985, 1992) e afinado por F. Gateau (1990), tendo em conta a relação altura do lábio espessura máxima do mesmo. Segundo a proposta de F. Gateau, as ânforas cujo valor da relação fosse menor do que 1,2 seriam consideradas Greco-Itálicas, as que fossem iguais a 1,3 seriam consideradas formas de transição e as maiores de 1,4 seriam Dressel 1.

O exemplar de Greco-Itálica Arq. 180, evidencia um conjunto de impressões sobre o lábio assaz interessante (Figura 4). Correspondem a quatro marcas de pequena dimensão impressas sobre o lábio. Estas dispõem-se sobre a zona do arranque das asas e distanciam-se de forma equidistante entre si, 8,5 cm. Apresentam uma cartela retangular de 1,2 por 1,1 cm. Infortunadamente encontram-se anepígrafas. O desgaste causado pela submersão da peça no leito do rio inviabiliza qualquer tentativa de leitura. A presença de marcas em cartelas retangulares de pequena dimensão tendo como característica principal a combinação de duas letras, é relativamente comum nestas ânforas (Olmer, 1998, 2003).

O segundo exemplar corresponde à parte inferior de uma ânfora do tipo Dressel 1 (Figura 3, n.º 2). Este tipo de ânfora corresponde a um dos modelos mais característicos da expansão militar romana no ocidente, tendo uma lata cronologia desde inícios da segunda metade do século II ao século I a.C.

Individualizado pela primeira vez na tabela de Heinrich Dressel (1899), sob o número 1, foi posteriormente subdividido por Nino Lamboglia (1955) e Fernand Benoit (1957) em três tipos distintos (A, B e C) a que Peacock e Williams (1986) atribuem as suas classes 3, 4 e 5.

Esta divisão tripartida, elaborada a partir da análise do espólio dos primeiros naufrágios descobertos no Mediterrâneo, teve por base a observação de exemplares inteiros, privilegiando o estudo dos bordos (sobretudo a sua altura e inclinação) e negligenciando outros critérios morfológicos como os fundos e os ombros.

A sua produção está atestada numa vasta área geograficamente contínua, nas costas tirrénicas da Península Itálica, desde a região de Pisa até à Calábria, sendo conhecidos inúmeros centros produtores (Hesnard e Lemoine, 1981; Olmer, 2003), que produziram diversas variantes.

A terceira ânfora insere-se na forma 2-4 de Dressel, que possui nas suas asas bífidas o seu elemento morfológico mais característico (Figura 5, n.º 8).

Tendo este modelo sido individualizada por Dressel com os números de 2 a 4 na sua tabela, foi posteriormente agrupada num único tipo, por N. Lamboglia (1955) e por F. Zevi (1966). Esta forma evoluiu a partir de protótipos helenísticos do século III a.C., particularmente das ânforas gregas da ilha de Cos (Peacock e Williams, 1986, p. 105), tornando-se num dos modelos mais difundidos e imitados em diversas áreas do mundo romano (Molina Vidal, 1997 p. 62).

O início da sua produção, na península itálica, remonta aos meados da primeira metade do século I a.C., sendo normalmente considerada como a sucessora do tipo Dressel 1 no transporte dos vinhos itálicos (Fabião, 1989, p. 59). Tchernia coloca em 70-60 a.C. o início da sua produção (Tchernia, 1986). Contudo o seu fabrico, perdurou no tempo até aos finais do século II d.C. (Panella, 1989; Morais, 1998).

A Dressel 2-4 itálica, apesar de em números pouco expressivos, está abundantemente atestada no território português (Filipe, 2015).

Do ponto de vista da proveniência, a análise macroscópica de ambos os três exemplares atesta uma pasta com grande abundância de “areias negras”, de origem vulcânica, correspondendo ao Grupo 3 de fabrico Itálico definido para as ânforas de Lisboa (Pimenta, 2005). Este tipo corresponde às típicas produções ditas “campanienses”.

CATÁLOGO

- 1 **ARQ. 180** – Ânfora itálica do tipo Greco-itálico. Exemplar bem preservado faltando-lhe uma asa e a parte inferior. A altura total conservada é de 57,5 cm. O bocal apresenta um lábio oblíquo de secção triangular, circunscrevendo um diâmetro externo de 14,5 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,03. Apresenta quatro marcas anepígrafas de pequena dimensão impressas sobre o lábio. Correspondem a uma cartela retangular de 1,2 por 1,1 cm. O colo é alto, cilíndrico, terminando num ombro carenado bem marcado, com um diâmetro exterior de 24,5 cm; as asas arrancam do colo um pouco abaixo do bordo, têm secção ovóide. O bojo também é ovóide, com um diâmetro máximo de 31,5 cm. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Caracteriza-se por uma pasta, compacta e pouco depurada, de tom avermelhado (Mun. 2.5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são abundantes constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, numerosas partículas negras de origem vulcânica e elementos carbonatados. As percentagens de elementos não plásticos e de argilosos são muito semelhantes o que

dá um aspeto muito característico a esta pasta. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. Encontrada entre Alverca e Alhandra. Figura 3, n.º 1.

- 2 **MMVFX04463** – Ânfora itálica do tipo Dressel 1. O colo é cilíndrico e encontra-se fraturado. Evidencia um ombro carenado bem marcado. O corpo é troncocónico terminando num fundo maciço que se encontra quebrado. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Caracteriza-se por uma pasta, compacta e pouco depurada, de tom avermelhado (Mun. 10 R 4/4). Os elementos não plásticos são abundantes constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, numerosas partículas negras de origem vulcânica e elementos carbonatados. As percentagens de elementos não plásticos e de argilosos são muito semelhantes o que dá um aspecto muito característico a esta pasta. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. Encontrada em frente a Alhandra. Figura 3, n.º 2.
- 3 **ARQ. 187** – Fragmento de bordo e de asa bífida de ânfora Dressel 2-4. Bordo vertical de secção arredondada. A asa arranca abaixo do bordo. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta homogénea e bem depurada. Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, constituídos por elementos de quartzo, calcite, elementos ferruginosos e partículas negras de origem vulcânica. Tom castanho rosado (Muns. 2,5 YR 6/6). A superfície externa apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 6, n.º 8. FIG. 3 E 4

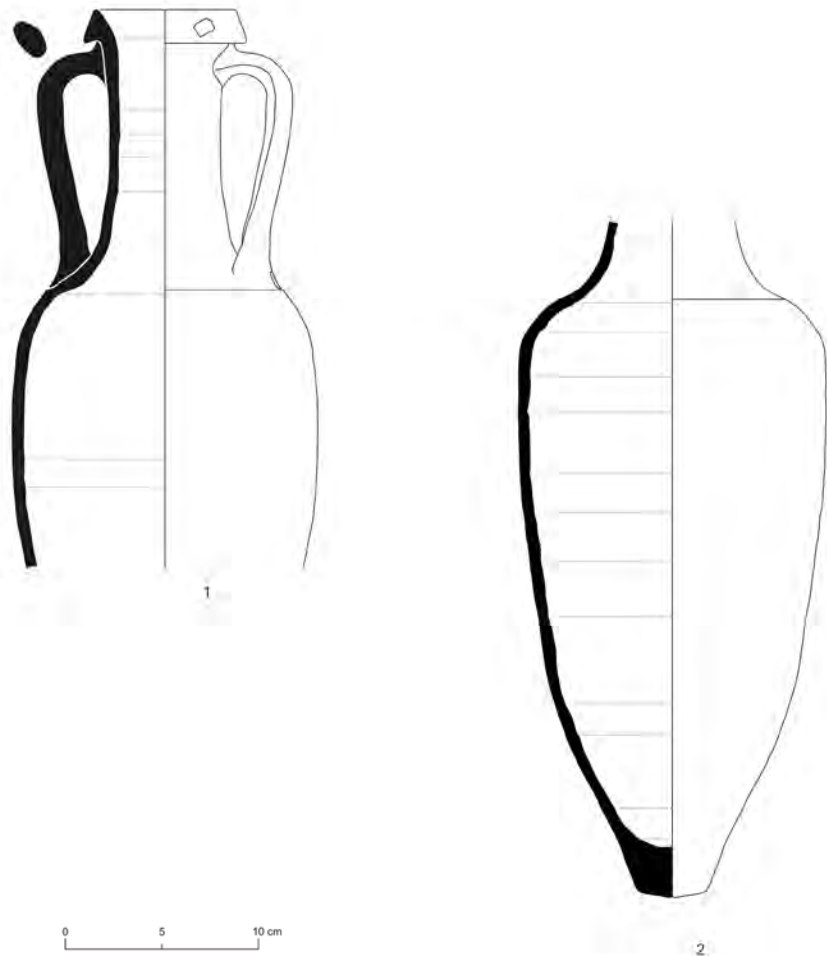


Figura 3
Ânfora vinárias itálicas.



Figura 4
Pormenor das marcas
anepígrafas da Ânfora
Arq. 180.

o transporte de preparados piscícolas (Fabião, 1989). Inserem-se no grupo de ânforas ovóides de produção peninsular, inspiradas em modelos romanos mas com características tipicamente ocidentais, fabricadas durante o século I a.C., constituindo-se como as mais antigas produções da Bética (Fabião, 2000).

Identifica-se no presente conjunto um fragmento correspondendo a uma metade superior desta forma (Figura 5, n.º 3).

A ânfora Ovóide 4 corresponde a um modelo que ainda hoje suscita acesa discussão, tendo em conta as suas afinidades tipológicas com o tipo Haltern 70 (Garcia Vargas, et Al. 2011, p. 217).

Desde o trabalho de Peacock & Williams (1986, p. 115-116), ficou claro a existência de uma morfologia de ânfora similar à Haltern 70, contudo de módulo menor, incluída por estes investigadores britânicos dentro da sua Classe 15, com a denominação de “unusually small variant”.

Carlos Fabião no seu estudo sobre as ânforas do Acampamento romano da Lomba do Canho, Arganil, identifica um pequeno conjunto de ânforas que se inseriam nesta variante menor, e com base nessa evidência propõe a sua separação morfológica em dois tipos (Fabião, 1989, p. 61-64). Mantendo-se as formas Haltern 70 na Classe 15 e atribuindo a esta variante pequena a Classe 15A.

Mais recentemente trabalhos de sistematização tipológica das formas anfóricas do vale do Guadalquivir definem este tipo de forma sólida e integram na sua forma Ovoide 4 estes modelos (Almeida, 2008; Garcia Vargas, et Al. 2011, p. 217-225).

A importação de ânforas vinárias e oleícolas do território da antiga província romana da Bética e de produção no fértil vale do Guadalquivir encontra-se atestada por cinco indivíduos.

Os exemplares mais antigos situam-se ainda no período romano republicano, nomeadamente um exemplar de ânfora da Classe 67 e um de uma Ovóide 4 (Figura 5, n.º 3 e n.º 4).

As ânforas da Classe 67, ou como mais recentemente tem vindo a ser denominadas, ânforas Ovóide 1, correspondem a um modelo amplamente difundido no ocidente peninsular e no Mediterrâneo entre os finais do primeiro terço do século I a.C. e o primeiro quartel do século I d.C. (Almeida, 2008; Garcia Vargas, et Al. 2011).

Este modelo formal foi identificado pela primeira vez em Albintimilium, ocorrendo em estratos com um intervalo temporal entre 30 a.C. e 50 a.C. (Lamboglia, 1955). Contudo o seu reconhecimento como tipo original, apenas ocorreu com os trabalhos de Carlos Fabião sobre as ânforas do acampamento romano de Lomba do Canho, onde as denominou de Classe 67 e lhes propõe um conteúdo relacionado com

No que diz respeito aos atributos meramente morfológicos, estes investigadores preparam, que se considere do Tipo Ovoide 4, bocais definidos por lábios curtos e ligeiramente voltados para o exterior, com uma altura compreendida entre os 3 e os 4 centímetros (García Vargas, et Al. 2011, p. 218).

Preparam igualmente, que a produção das Ovoide 4 se inicie na década de 70 a.C. e desapareça cerca de 20-10 a.C., entendendo-se assim, as ânforas Ovoide 4 como sendo um modelo anterior à Haltern 70, e que estas últimas procedem provavelmente daquelas (García Vargas, et Al. 2011, p. 224).

No presente conjunto preserva-se um bocal com arranque de asas desta morfologia (Figura 5, n.º 4).

A forma Haltern 70 foi pela primeira vez identificada em inícios do século XX, no acampamento romano de Haltern, na Germânia Inferior, tendo-lhe sido atribuído o número 70 no catálogo dos materiais publicados (Loeschke, 1909, p. 256-257). Contudo, seria apenas em 1977, com a publicação da monografia sobre o naufrágio Port-Vendres II, que a forma Haltern 70 se viria a consolidar enquanto tipo específico (Colls et alii, 1977).

A produção e difusão de contentores do tipo Haltern 70 situa-se cronologicamente entre meados do século I a.C. e finais do século I/inícios do século II d.C. (Remesal Rodríguez e Carreras Monfort, 2003, p. 21 e 22).

Embora tradicionalmente tida como uma ânfora vinária destinada a transportar os afamados vinhos da província da Bética na antiguidade, não existem evidências arqueológicas directas que comprovem esse conteúdo (Morais, 2004). Por outro lado, a existência de vários *tituli picti* em contentores desta tipologia tem comprovado o transporte de subprodutos como o *defructum* (líquido doce obtido pela cozedura do mosto), *mulsum* (vinho cozido misturado com mel) e *sapa* (vinho cozido de uso comum na cozinha), para além de *oliva ex defructo* (azeitonas negras em conserva) e *oliva dulcis* (azeitonas preservadas num produto doce derivado do vinho)

No presente conjunto preserva-se um bocal com arranque de asas desta forma (Figura 5, n.º 5). Tendo em conta a morfologia do seu lábio pode-se propor uma cronologia de época Flávia, com bons paralelos nos contextos de Hérculano e Pompeia (Puig, 2003, p. 31-32).

As características ânforas destinadas à exportação do azeite Bético da forma Dressel 20, encontram-se atestadas por dois exemplares, (Figura 6, n.º 9 e 10).

Esta forma foi individualizada pela primeira vez nos finais do século XIX, na tabela de Heinrich Dressel (1899), onde recebe o número 20. Ao longo do século XX, esta forma foi alvo de especial atenção por parte da comunidade científica, tendo para isso contribuído a sua valência epigráfica. Sublinhe-se que a ânfora Dressel 20 é a ânfora romana com maior quantidade e variedade da informação epigráfica, (Berni Millet, 1998, 2008).

Fruto dessa atenção e do aprofundar dos seus estudos, dispomos atualmente de um excelente nível de conhecimento acerca da sua evolução tipológica e cronológica (Berni Millet e García Vargas 2016). Tendo em conta a morfologia dos bocais recolhidos no leito do Rio Tejo, que ora apresentamos, pode-se propor para o exemplar ARQ. 188: Uma datação enquadrada cronologicamente entre “Nero e Vespasiano” – 50 a 80 d.C. e para o fragmento ARQ. 189: Uma datação enquadrada cronologicamente na época “Antoniniana precoce” – 120 a 160 d.C. (Berni Millet e García Vargas 2016).

CATÁLOGO

- 1 **MMVFX17413** – Bordo completo com arranque de asa de ânfora Classe 67. O bocal apresenta um lábio espessado externamente, estando separadas do colo por um ressalto. As asas são curtas e verticais. Apresentam secção ovoide com depressão longitudinal. Diâmetro externo de 14 cm. Pasta porosa. A cor é castanho acinzentado (Mun. 7.5YR 5/1). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por abundante mica negra, quartzos, elementos calcários de pequenas dimensões e elementos ferruginosos. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa. Figura 5, n.º 3.
- 2 **ARQ. 183** – Bordo completo com arranque de asas de ânfora Ovóide 4. O bocal apresenta um lábio vertical em fita. As asas apresentam secção ovoide com depressão longitudinal. Diâmetro externo de 16 cm. Pasta porosa. A cor é castanho acinzentado (Mun. 10YR 6/1). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por abundante mica negra, quartzos, elementos calcários de pequenas dimensões e elementos ferruginosos. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 5, n.º 4.
- 3 **ARQ. 184** – Bordo completo com arranque de asa de ânfora Haltern 70. O bocal apresenta um lábio exvertido de secção quadrangular. As asas são verticais e arrancam abaixo do bordo. Apresentam secção ovoide com depressão longitudinal. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta porosa. A cor é castanho claro (Mun. 2.5Y 5/3). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos ferruginosos, feldspatos e micas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada em frente a Alhandra. Figura 5, n.º 5.
- 4 **ARQ. 188** – Fragmento de bordo com arranque de asa de ânfora Dressel 20. Diâmetro externo de 17 cm. Apresenta vestígios de um colo curto de onde arranca uma asa compacta de secção ovóide. A forma do bocal permite propor uma datação dentro da forma B e enquadrada cronologicamente entre “Nero e Vespasiano” – 50 a 80 d.C. (Berni Millet e García Vargas 2016). Pasta compacta e rugosa. Os elementos não plásticos são escassos de pequena dimensão e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (Xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom castanho rosado (Muns. 5YR 7/3). A superfície externa apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 6, n.º 9.
- 5 **ARQ. 189** – Fragmento de bordo com arranque de asa de ânfora Dressel 20. Diâmetro externo de 12 cm. Apresenta vestígios de um colo curto de onde arranca uma asa compacta de secção ovóide. A forma do bocal permite propor uma datação dentro da forma D e enquadrada cronologicamente na época “Antoniniana precoce” – 120 a 160 d.C. (Berni Millet e García Vargas 2016). Pasta compacta e rugosa. Os elementos não plásticos são escassos de pequena dimensão e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (Xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom cinzento (Muns. 10YR 6/1). A superfície externa apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 6, n.º 10. [FIGS. 5 E 6](#)

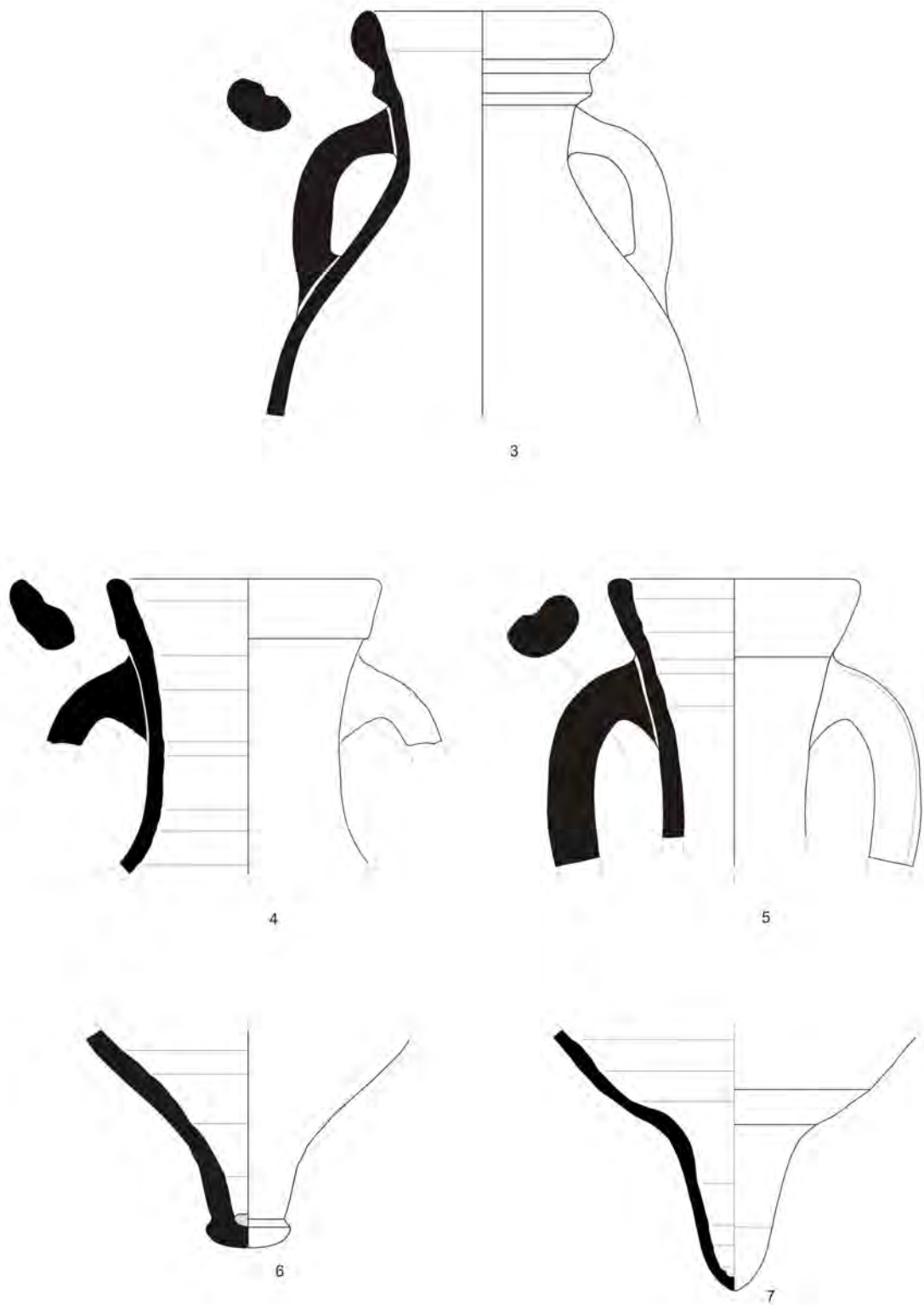
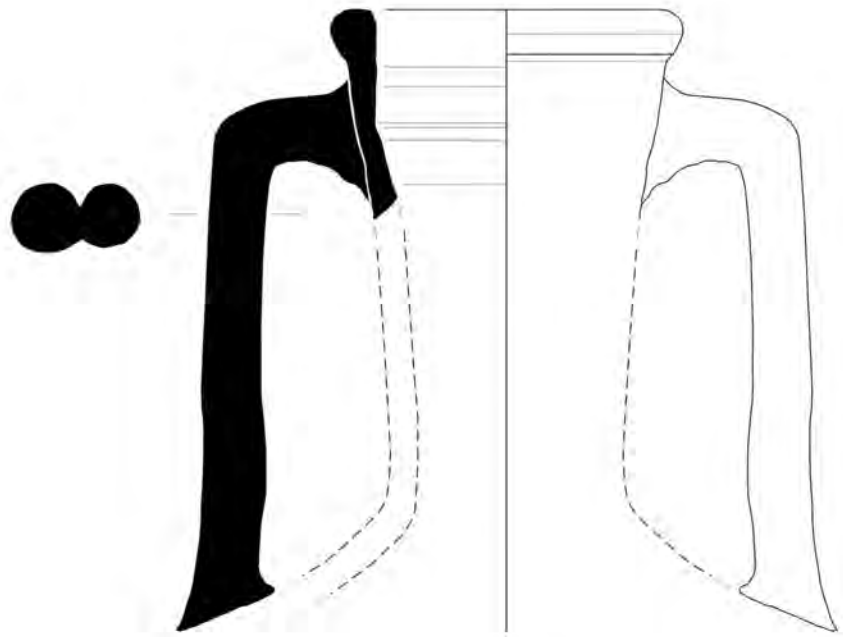
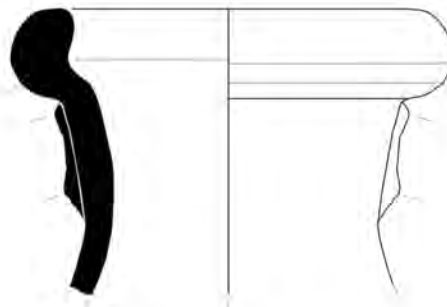


Figura 5
 N.º 3 a 5 Ânforas do Vale do Guadalquivir;
 N.º 6 Fundo de ânfora Ovóide Lusitana; N.º 7 Fundo de ânfora de produção na costa da Província da Bética.

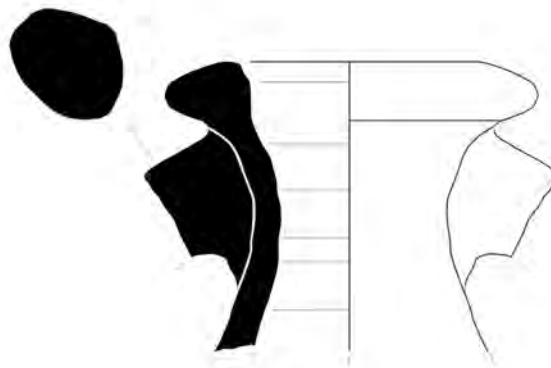
0 5 10 cm



8



9



10

Figura 6
N.º 8 Ânfora Dressel
2-4 itálica; N.º 9 e 10
Ânforas Dressel 20.



As ânforas de produção na costa da Bética encontram-se escassamente atestadas. Apenas se identificou um fundo oco de morfologia ovoide e de difícil classificação (Figura 4, n.º 7). Entenda-se, tendo em conta a sua morfologia este fundo pode corresponder a distintos modelos dentro das ânforas produzidas nesta área geográfica. Ainda que seja mais plausível a sua inclusão dentro dos modelos das ânforas ovóides tardo-republicanas como as ovoides Gaditanas ou no mundo das Dressel 7/11 (ver Garcia Vargas e Bernal Casasola, 2008).

CATÁLOGO

- 1 **ARQ. 186** – Fragmento de bojo de perfil globular terminando em fundo oco de ânfora Gaditana de morfologia ovóide e de difícil classificação. Pasta arenosa e bem depurada. Com escassos elementos não plásticos, constituídos por quartzos de pequenas dimensões e algumas micas. Tom amarelo (Muns. 2.5Y 8/3). Encontrada em frente a Alhandra. Superfície alisada do tom da pasta. Figura 5, n.º 7.

As ânforas de produção Lusitana dos vales do Tejo e Sado, encontram-se, como seria expectável, bem representadas na presente amostragem, nomeadamente por sete exemplares de quatro tipos distintos.

O fundo ARQ. 185, corresponde a um fundo de uma ânfora de morfologia ovoide e que se insere dentro do mundo das primeiras morfologias de ânforas Lusitanas, com cronologias centradas entre a segunda metade do século I a.C. e os inícios da era, (Morais e Fabião, 2007; Mataloto et Al. 2016), figura 5, n.º 6.

Os típicos contentores por excelência de transporte e comercialização de preparados piscícolas Lusitanos entre meados do século I d. C. e os inícios do século III d. C., designados da forma Dressel 14, (Fabião, 2004), encontram-se atestados pela presença de duas ânforas, (Figura 7, n.º 11 e 12).

Encontra-se bem atestada a produção de ânforas Dressel 14 a partir de meados da primeira metade do séc. I d.C., tanto no Vale do Rio Tejo, tendo em conta os dados do Porto dos Cacos, como no vale do Rio Sado, onde a produção da Quinta da Alegria terá tido início no 2.º quartel do séc. I d.C. (Raposo e Viegas, 2016).

Tendo em conta a forma do lábio do exemplar ARQ. 185, pode-se prepor para esta ânfora uma cronologia de meados da primeira metade do século II d.C. inserindo-se na variante C das Dressel 14 (Pinto et Al. 2016), (Figura 7, n.º 11).

As mais características e difundidas ânforas Lusitanas do Baixo-Império, da forma Almagro 51C, estão representadas por três bocais (Figura 8, n.º 13 a 15).

Este modelo corresponde ao tipo 23 de Keay (1984), e à designada Lusitana 4 e Lusitana 10 da tabela tipológica das ânforas Lusitanas proposta por Dias Diogo (1987). Destinar-se-iam ao transporte de preparados piscícolas. A sua produção encontra-se atestada nos vales dos Rios Tejo e Sado, assim como na costa Algarvia. A nível da sua cronologia, os dados disponíveis permitem situar o seu início em meados do século III e o seu fim em finais do século V ou mesmo VI d.C. (VIEGAS et Al., 2016).

O exemplar Arq. 192, corresponde aos exemplares mais tardios das Almagro 51C, da designada variante piriforme ou alongada, com bons paralelos no Vale do Sado na olaria do Pinheiro datados de finais do século IV inícios do século V d.C. (Mayet e Silva, 1998), (Figura 8, n.º 13).

Os restantes bocais Arq. 193 e Arq. 194, enquadram-se nos tipos de lábio em fita e arredondados, ainda que, a essa variabilidade, não seja possível relacionar com um período cronológico específico dentro do tempo de vida destes contentores, (Figura 8, n.º 14 e 15).

Por último, identificou-se um exemplar fragmentado de bocal com arranque de asa de uma ânfora Almagro 50 Lusitana, (Figura 8, n.º 16). Este tipo, foi inicialmente identificado por Martin Almagro nas necrópoles de Ampúrias (Almagro, 1955), tendo este, lhe atribuído o número 50 na sequência da numeração da tabela tipológica de Dressel.

O estado do conhecimento acerca dos centros de produção na Lusitânia permitem atestar a sua produção nos Vale do Tejo/Sado, assim como na costa Algarvia. A nível da cronologia, o seu fabrico inicia-se na primeira metade do século III d.C. sendo amplamente comercializado e alcançando o século V d.C. (Raposo e Almeida, 2016). A nível do conteúdo é-lhe atribuído o transporte de preparados piscícolas.

CATÁLOGO

- 1 **ARQ. 185** – Fragmento de bojo de perfil globular terminando em fundo oco e de base em glante de ânfora ovóide Lusitana. Pasta arenosa e pouco depurada. Com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos de dimensões variáveis predominantemente rolados, elementos de cerâmica moída. Tom vermelho claro (Muns. 2.5 YR 6/3). Encontrada em frente a Alhandra. Superfície alisada do tom da pasta. Figura 5, n.º 6.
- 2 **ARQ. 190** – Ânfora Dressel 14 a que falta a metade inferior. Bocal espessado externamente de perfil biselado. As asas arrancam abaixo do bordo e são verticais, com depressão longitudinal. Colo cilíndrico e bojo globular. Diâmetro externo 16,5 cm. Pasta granulosa. A cor é castanha (Mun. 7.5 YR 5/4). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos de cerâmica moída e micas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. O interior evidencia vestígios de um revestimento betuminoso. Encontrada em frente a Alhandra. Figura 7, n.º 11.
- 3 **ARQ. 191** – Fragmento de colo com asa e bojo de ânfora Dressel 14. Colo troncocónico de onde arranca uma asa de fita, com depressão longitudinal. Diâmetro externo do colo 15 cm. Pasta granulosa. A cor é castanha (Mun. 10YR 5/3). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos de cerâmica moída e micas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. O interior evidencia vestígios de um revestimento betuminoso. Encontrada em frente a Alhandra. Figura 7, n.º 12.
- 4 **ARQ. 192** – Bordo completo com arranque de asa de ânfora Almagro 51c variante alongada. O bocal apresenta um lábio de secção triangular, vertical e com moldura exterior. As asas de fita arrancam do lábio e apresentam secção ovóide. Diâmetro externo de 7.5 cm. Pasta dura e granulosa. A cor é castanho amarelado (Mun. 5 YR 4/2). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos ferruginosos, feldspatos e micas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 8, n.º 13.

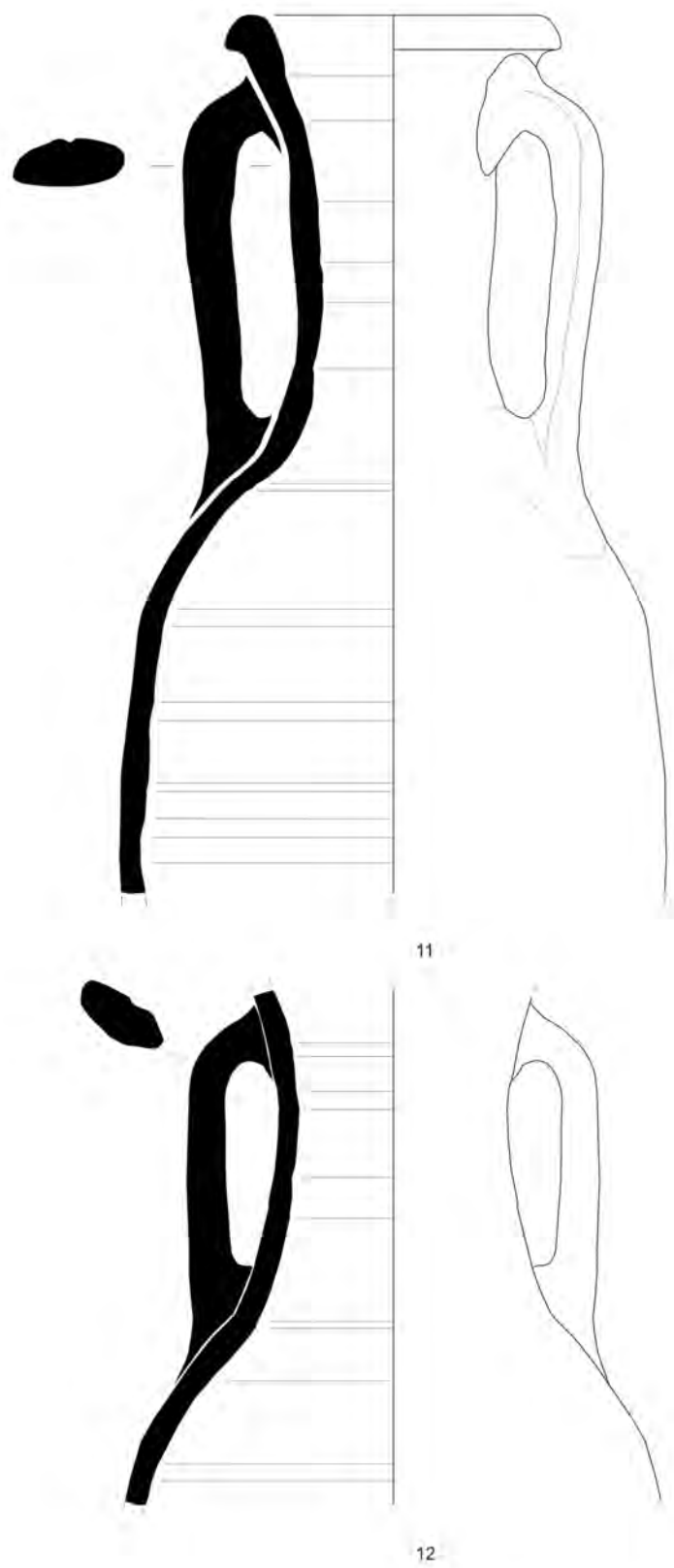


Figura 7
Ânforas Dressel 14
Lusitanas.

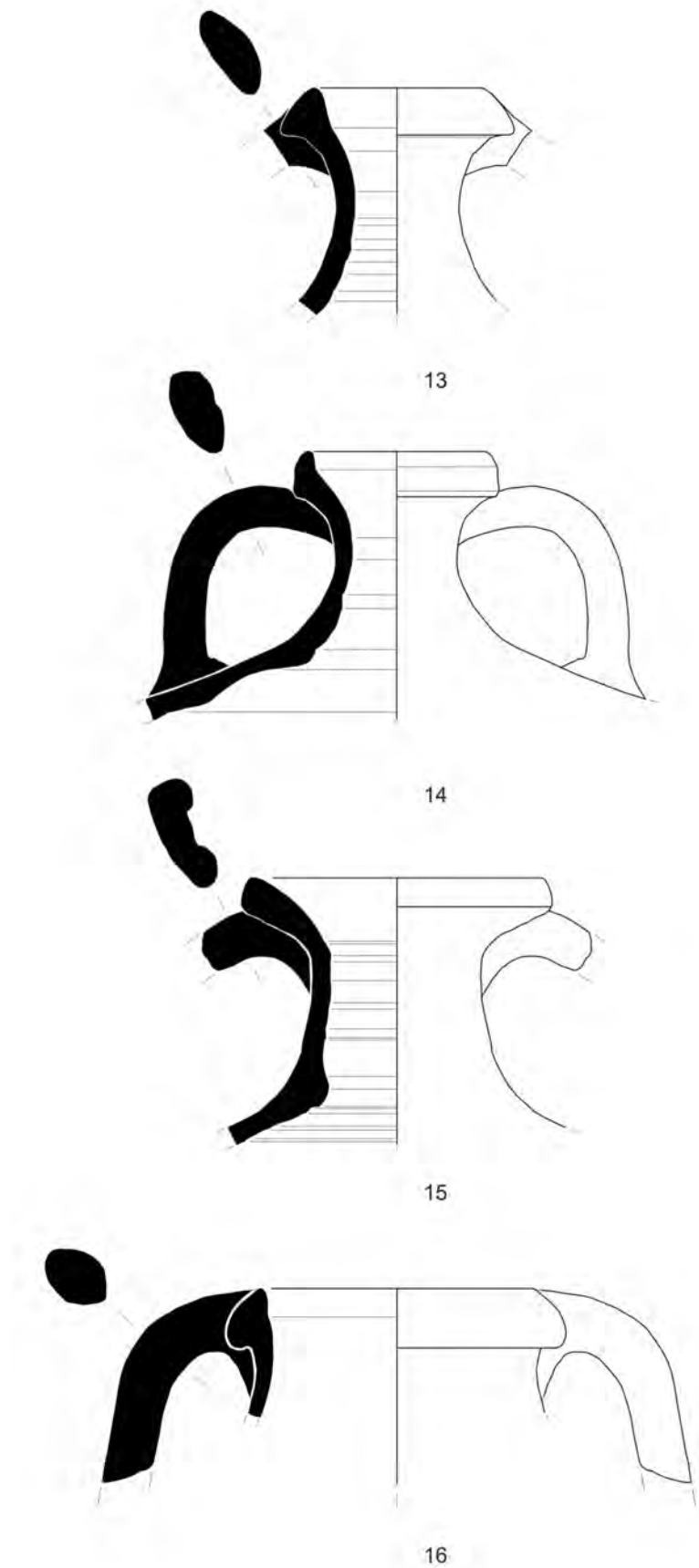
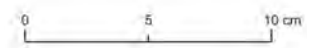


Figura 8
N.º 13 a 15 ânforas
Almagro 51C
Lusitanas; N.º 16
Ânfora Almagro 50
Lusitana.



- 5 **ARQ. 193** – Bordo completo com colo e arranque de asas de ânfora Almagro 51c. O bocal apresenta um lábio de secção arredondada e arranque de colo troncocónico. A asa é de fita e arranca da metade inferior do lábio apresentando secção ovóide. Diâmetro externo de 8 cm. Pasta dura e granulosa. A cor é castanho avermelhado (Mun. 2.5YR 6/6). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos ferruginosos, feldspatos e micas douradas. A superfície apresenta uma ligeira aguada de tom bege (Mun. 7.5YR 8/3). Encontrada no Rio Tejo. Figura 8, n.º 14.
- 6 **ARQ. 194** – Bordo completo com colo e arranque de asas de ânfora Almagro 51c. O bocal apresenta um lábio de secção arredondada e arranque de colo troncocónico. A asa é de fita e arranca da metade inferior do lábio apresentando secção quadrangular marcada por dois sulcos longitudinais. Diâmetro externo de 13 cm. Pasta dura e granulosa. A cor é castanho amarelado (Mun. 5YR 6/6). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos ferruginosos, feldspatos e micas douradas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 8, n.º 15.
- 7 **ARQ. 195** – Fragmento de bordo de ânfora Almagro 50. O bocal apresenta um lábio de secção amendoada e arranque de colo troncocónico. A asa curta de secção ovoide e arranca do lábio. Diâmetro externo de 13,2 cm. Pasta dura e granulosa. A cor é vermelho claro (Mun. 2,5YR 7/8). Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos de cerâmica moída e micas douradas. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 8, n.º 16.

2.2. As Lucernas

Ainda que a descoberta de Lucernas em contexto subaquático, e nomeadamente em contexto de naufrágio não seja de todo inédita, ou mesmo incomum, (tenha-se presente só como exemplo o naufrágio do Grand Congloué – Benoit, 1961), não deixa de causar alguma perplexidade, tendo em conta que estamos perante achados fortuitos a presença na reserva do Museu de Vila Franca de Xira de dois fragmentos de lucernas romanas provenientes do Rio Tejo, (Figura 9, n.º 17 e 18).

A perplexidade aumenta, quando verificamos que se trata de dois exemplares de procedência itálica, que podiam ser contemporâneos tendo ambos uma cronologia tardo-republicana, centrada no século I a.C. Sublinhe-se a raridade mesmo em contextos terrestres da presença de Lucernas romanas deste período, (veja-se Nunes, Fabião e Guerra, 1990 ou para uma síntese mais atualizada, Pereira, 2008).

Refira-se que ambos os fragmentos não se encontram propriamente inéditos, tendo já constado em dois catálogos de exposições arqueológicas (respetivamente Pimenta, 2013, p. 84, n.º 115 e 117 e Pimenta, 2015, p. 145, n.º 42 e 44).

CATÁLOGO

- 1 **MMVFX16962** – Lucerna itálica do Tipo Dressel 2. Fragmento de reservatório, preservando parte do orifício do bico, aleta lateral e arranque de asa vertical. A zona da *margo* está decorada com incisões dispostas radialmente. Pasta homogénea e bem depurada. A cor é vermelho claro (Mun. 7.5YR 6/4). A superfície encontra-se rolada, apenas se preservando parcialmente o verniz. Este é de tom vermelho (Mun. 2.5 YR 4/8). Encontrada no Rio Tejo. Figura 9, n.º 17 e Figura 10.
- 2 **MMVFX17022** – Fragmento de reservatório com arranque de bico De lucerna itálica do Tipo H de Ricci. Pasta homogénea e bem depurada. A cor é vermelho claro (Mun. 2.5YR 5/6). A superfície encontra-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 9, n.º 18. [FIG. 9](#)

2.3. As Cerâmicas finas

Preserva-se entre o acervo do Museu, dois fragmentos que podemos inserir dentro da categoria das cerâmicas finas. Nomeadamente um fragmento de *Terra Sigillata* Itálica e um fragmento de taça de paredes finas Emeritense.

O fragmento ARQ. 196, corresponde a uma taça de *Terra Sigillata* Itálica da forma *Consp. 22*, (Figura 9, n.º 19). Esta forma pode-se descrever como uma taça troncocónica de bordo vertical, normalmente com decoração de *guilhoché*. Estas peças estão presentes nos campos militares de Oberaden e Rödgen (cerca de 10 a.C.), encontrando-se a circulação destes vasos até ao final do reinado de Tibério (Viegas, 2003).

O exemplar ARQ.197 identificou-se como um fragmento de taça de paredes finas da forma Mayet LIII, (Figura 9, n.º 20). O fragmento em questão evidencia, o típico fabrico das peças de paredes finas da capital da Lusitânia, *Emerita Augusta* (Mayet, 1975). As produções Emeritenses iniciam a sua atividade na década de 50-60 d.C. aumentando a sua produção até inícios do século II d.C. e decaindo de forma brusca até metade do século II d.C., momento em que desaparece totalmente a sua produção (Bustamante Álvarez, 2011, p. 170).

CATÁLOGO

- 1 **ARQ. 196** – Fragmento de taça de *Terra Sigillata* Itálica da forma *Consp. 22*. Bordo vertical côncavo. Corpo cónico. Diâmetro externo de 9 cm. Pasta homogénea e bem depurada. A cor é vermelho claro (Mun. 10 R 6/8). A superfície encontra-se muito rolada, apenas se preservando parcialmente o verniz. No lado interno este encontra-se em bom estado e evidencia-se espesso e bem aderente (Mun. 10 R 4/8). Encontrada no Rio Tejo. Figura 9, n.º 19.
- 2 **ARQ. 197** – Fragmento de taça de paredes finas da forma Mayet LIII. Bordo engrossado e voltado para o interior. Corpo globular terminando num fundo de pé alto e destacado. Diâmetro externo de 10 cm. Pasta arenosa e bem depurada. A cor é cinzento amarelado (Mun. 2.5Y 7/2). Os componentes não plásticos são escassos e bem distribuídos.

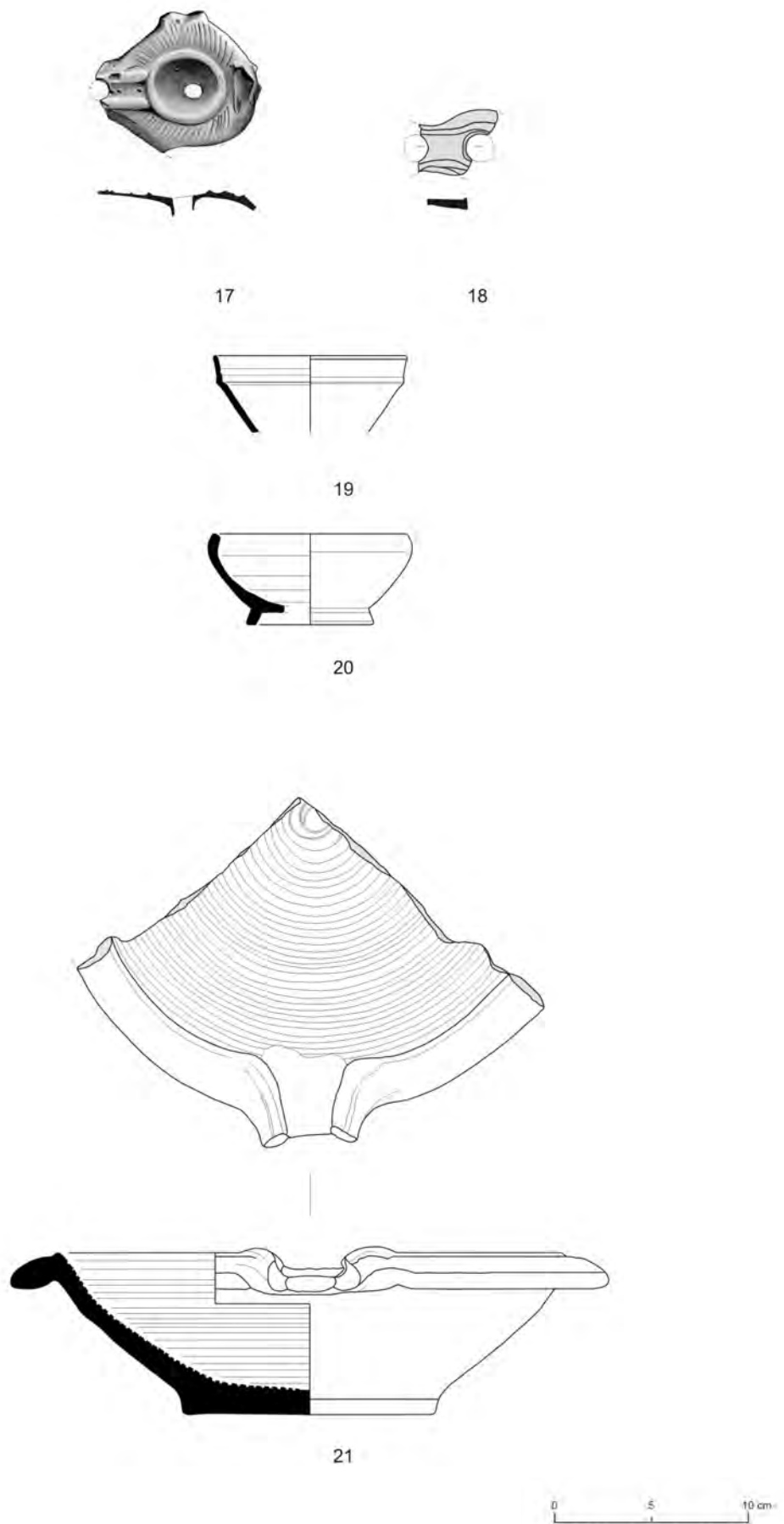


Figura 9
 N.º 17 e 18 Lucernas
 itálicas; N.º 19 Taça em
 Terra Sigillata itálica;
 N.º 20 Fragmento de
 taça de paredes finas
 Emeritense; N.º 21
 Almofariz itálico.

Constituídos por quartzos e elementos calcários. A superfície apesar de rodada preserva vestígios do engobe alaranjado típico destas peças Emeritenses (Mun. 5YR 5/8). Encontrada no Rio Tejo. Figura 9, n.º 20.



Figura 10
Pormenor da Lucerna
ARQ. 196.



Figura 11
Pormenor do
Almofariz ARQ. 198.

2.4. Os Almofarizes

O segundo maior grupo de materiais com a proveniência no leito do Rio Tejo, em depósito no acervo do Museu de Vila Franca, correspondem ao conjunto de almofarizes romanos. Este é constituído por cinco indivíduos, sendo dois de proveniência itálica e três de proveniência no sul peninsular na vizinha província romana da *Baetica*.

O estudo dos almofarizes tem vindo nas últimas décadas a constituir um domínio de especialidade no âmbito dos estudos sobre cerâmica romana, prendendo-se este interesse pela informação de cariz económico e cronológico que estes proporcionam, assim como, na valência do seu estudo permitir atestar a aquisição de novos hábitos culturais de procedência itálica (Silva, 2015).

Os exemplares Arq. 198 e Arq. 201, correspondem a produções, que interpretamos com base na análise macroscópica do seu fabrico como itálicas. Para uma recente síntese sobre a presença de almofarizes itálicos no território português, recomendamos ver Silva, 2015.

A classificação tipológica dos almofarizes itálicos assenta no estudo do naufrágio romano de Dramond D, efetuada por Jean-Pierra Joncheray (1972), onde se distinguiram duas morfologias distintas.

De acordo com essa tipologia teríamos no presente conjunto, dois exemplares da forma Dramond D 1, cujo fabrico se inicia em finais do século I a.C. e decai a partir de meados do século I d.C. (Aguardod Otal, 1991).

Contudo, não podemos deixar de sublinhar que se tratam de produções distintas do ponto de vista de fabrico. Se o exemplar Arq. 201, (Figura 12, n.º 22), evidencia as típicas características dos fabricos destes almofarizes centro-itálicos, inclusive nos materiais adicionados à superfície interna da peça com intenção abrasiva. Já o exemplar Arq. 198, (Figura 10 e figura 9, n.º 21), detém um fabrico que interpretamos como itálico, mas para o qual não encontramos paralelos diretos na literatura da especialidade. Poderá ser outro tipo de produção? Estamos consciente que o facto de o seu interior evidenciar bem vincadas caneluras internas, diferencia-o dos protótipos desta morfologia. Nas escavações da Alcáçova de Santarém, foi identificado um exemplar assaz similar ao ora aqui publicado inclusive com as caneluras internas, contudo a análise macroscópica conduziu a interpretá-lo como um fabrico do Guadalquivir (Arruda e Viegas, 2004, p. 343).

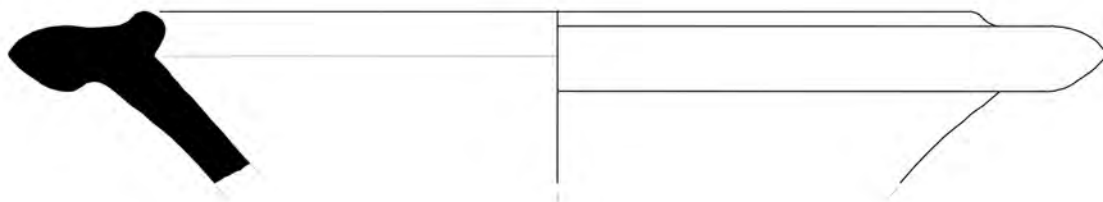
Os restantes exemplares de almofarizes evidenciam o característico fabrico das produções de pasta calcária que se atribuem à zona do vale do Guadalquivir (Pinto e Morais, 2007, Quaresma, 2009).

O exemplar ARQ. 202, (Figura 12, n.º 23), classificamos como da II Série de Pinto e Morais (2007). Esta forma tem uma cronologia de finais do período tardo-republicano, encontrando-se a sua produção atestada no Hospital de las Cinco Llagas (Sevilha) (Pinto e Morais, 2007, p. 238).

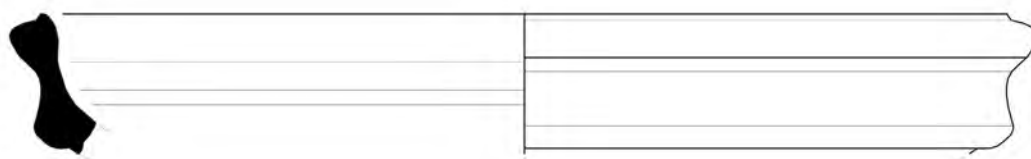
Os fragmentos ARQ. 203 e 204, (Figura 12, n.º 24 e 25), identificamos como sendo da III Série de Pinto e Morais (2007). Este tipo encontra-se datado em estações com cronologias bem definidas entre os finais do período tardo-republicano e a época de Cláudio, (Pinto e Morais, 2007, p. 239).

CATÁLOGO

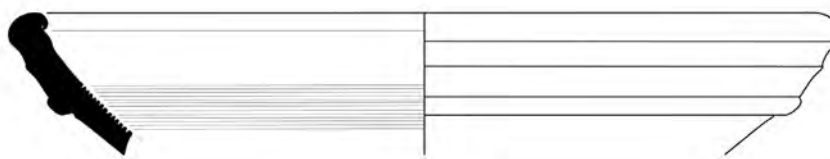
- 1 **ARQ. 198** – Fragmento de perfil completo de produção itálica do Tipo Dramond D1 (?). Bordo exvertido, horizontal e espessado de secção amendoada de onde arranca o bico vertedor. A parede, espessa, é de tendência hemisférica, com bem vincadas caneluras internas, com uma evidente intenção abrasiva. Diâmetro externo de 26 cm. Pasta homogénea e compacta. Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, elementos calcários, elementos ferruginosos e micas douradas. A cor é castanho avermelhado (Mun. 5 YR 6/3). A superfície externa apesar de evidenciar algum desgaste causado pelo meio aquático preserva uma aguada castanha bem aderente que se estende da superfície do lábio até à base (Mun. 7.5 YR 5/2). Encontrada no Rio Tejo. Figura 9, n.º 21.
- 2 **ARQ. 201** – Fragmento de Almofariz de produção centro itálica do Tipo Dramond D1. Bordo exvertido, horizontal e espessado de secção amendoada. A parede, espessa, é de tendência hemisférica, com abundantes partículas de médio porte na face interna. Nomeadamente, quartzos, piroxenas, micas douradas, hematites e alguns nódulos de cerâmica moída, adicionados à superfície da peça com uma clara intenção abrasiva. Diâmetro externo de 40 cm. Pasta homogénea e compacta. Os componentes não plásticos são abundantes e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, hematites, partículas negras (piroxenas) e micas douradas. A cor é amarelo pálido (Mun. 10 YR 8/6). A superfície encontra-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 12, n.º 22.
- 3 **ARQ. 202** – Fragmento de Almofariz de produção Bética do vale do Guadalquivir da II Série de Pinto e Morais, 2007. Bordo moldurado com arranque de parede. Pasta calcária, arenosa e pouco compacta. Com abundantes elementos não plásticos. Compostos por grãos de quartzos, hematites e algumas calcites. A cor é vermelho claro (Muns. 2.5 YR 7/8). A superfície apresenta-se granulosa do mesmo tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 12, n.º 23.
- 4 **ARQ. 203** – Fragmento de Almofariz de produção Bética do vale do Guadalquivir da III Série de Pinto e Morais, 2007. Bordo moldurado com arranque de parede com bem vincadas caneluras. Pasta calcária, arenosa e compacta. Com abundantes elementos não plásticos. Compostos por grãos de quartzos, hematites e algumas calcites. A cor é amarelo (Muns. 2.5 YR 8/6). A superfície apresenta-se granulosa do mesmo tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 12, n.º 24.
- 5 **ARQ. 204** – Fragmento de Almofariz de produção Bética do vale do Guadalquivir da III Série de Pinto e Morais, 2007. Bordo moldurado com arranque de parede com bem vincadas caneluras. Pasta calcária, arenosa e compacta. Com abundantes elementos não plásticos. Compostos por grãos de quartzos, hematites e algumas calcites. A cor é vermelho claro (Muns. 2.5 YR 7/6). A superfície apresenta-se granulosa do mesmo tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 12, n.º 25. [FIG. 12](#)



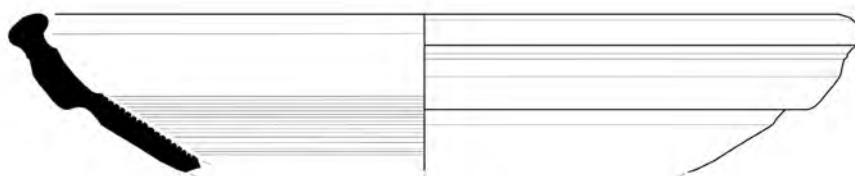
22



23

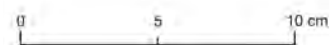


24



25

Figura 12
N.º 22 Almojariz
itálico; N.º 23 a 25
Almojarizes Béticos do
Guadalquivir.



2.5. A Cerâmica comum

Por último, encontra-se entre o material romano recolhido no rio Tejo, três peças bem preservadas de cerâmica comum, ainda que seja difícil da sua classificação tipológica e cronológica.

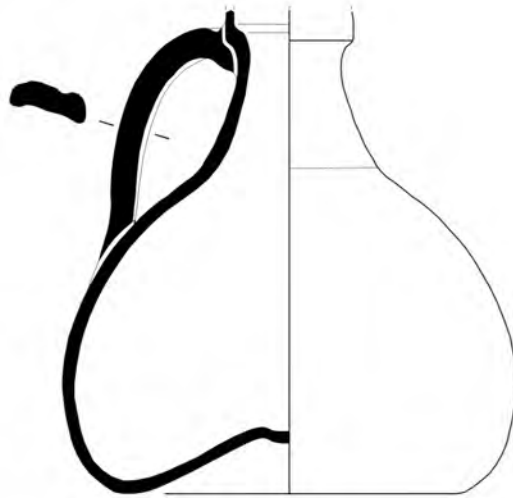
O exemplar ARQ. 69, corresponde a uma bilha que se encontra praticamente completa apenas faltando parte do bocal, (Figura 13, n.º 26). Encontramos paralelo similar, ainda que com um fundo distinto, na necrópole romana do Porto dos Cacos Alcochete (Saborosa, 1996, p. 292, fig. 4), com uma cronologia centrada entre os séculos III e V d. C. Peças idênticas encontram-se atestadas nas necrópoles romanas do Alto Alentejo (Nolen, 1985, 37, Est. VI, Est. VII). Contudo nestes dois casos a base é plana ao contrário do exemplar em apreço.

A peça ARQ. 199, identifica-se como um Jarro, ao qual falta a asa e o fundo, (Figura 13. N.º 27). No centro oleiro da Quinta do Rouxinol, Seixal encontramos um paralelo em tudo idêntico ao exemplar aqui em análise, com uma cronologia tardia da segunda metade do século IV inícios do século V d.C. (ver Santos, 2012, p. 90, Est. XXVIII). A mesma forma vemos igualmente atestada no Forno do 2 do Porto dos Cacos, Alcochete (Raposo e Duarte, 1996, fig. 8, n.º 3), com cronologias de abandono igualmente centradas em finais do século IV inícios do V d.C.. Igualmente nos níveis de abandono do complexo fabril do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, recolheu-se um exemplar assaz similar ao do presente estudo igualmente em níveis tardios (Amaro, Bugalhão e Sabrosa, 1996, p. 214, fig. n.º 3).

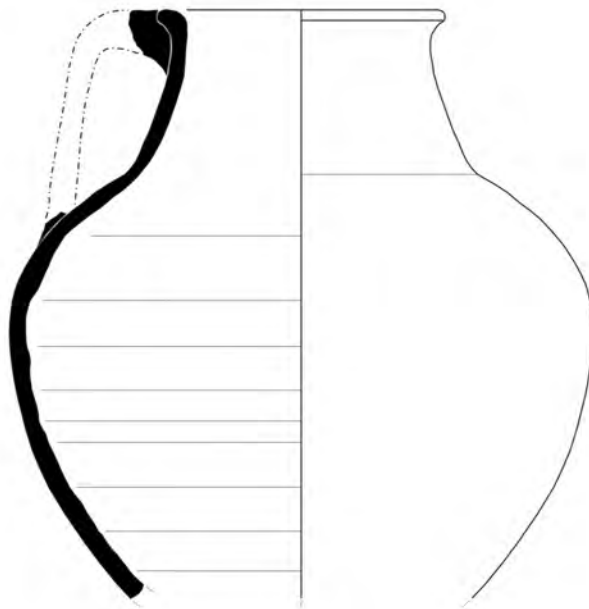
A peça ARQ. 200, classificamos como um tacho, ao qual falta o fundo, (Figura 13. N.º 28). Trata-se de uma morfologia relativamente comum durante o período romano não sendo fácil estabelecer uma cronologia precisa.

CATÁLOGO

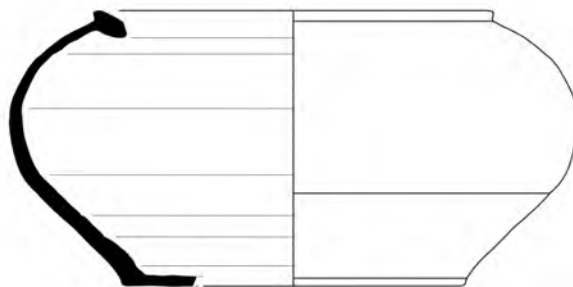
- 1 **ARQ. 69.** Bilha em cerâmica comum. Bocal moldurado, encontrando-se fragmentado. Diâmetro externo de 5,4 cm. Colo curto e estreito de onde arranca uma asa de secção quadrangular e extremidades arredondadas. Bojo globular terminando numa base em ónfalo. Pasta de matriz calcária de cor castanho amarelado (Mun. 10YR 5/4). Os elementos não plásticos são abundantes e compostos por quartzos subarredondados, palhetas de moscovite, elementos ferruginosos, elementos de cerâmica moída. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 13, n.º 26.
- 2 **ARQ. 199** – Jarro em cerâmica comum. Lábio de perfil espessado voltado para o exterior. Diâmetro externo de 12 cm. Colo troncocónico curto. Bojo ovoide. Preserva o arranque e a parte terminal de uma asa vertical e secção arredondada. Pasta de matriz calcária de cor castanho avermelhado (Mun. 2.5YR 7/8). Os elementos não plásticos são abundantes e compostos por quartzos subarredondados, palhetas de moscovite, elementos ferruginosos, elementos de cerâmica moída. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 13, n.º 27.
- 3 **ARQ. 200** – Tacho em cerâmica comum. Lábio de secção oval com espessamento interno, voltado para o interior. Diâmetro externo de 16,8 cm. Corpo globular terminando numa base plana. Pasta de matriz calcária de cor castanho avermelhado (Mun. 5YR 5/4). Os elementos não plásticos são abundantes e compostos por quartzos subarredondados, palhetas de moscovite, elementos ferruginosos, elementos de cerâmica moída. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta. Encontrada no Rio Tejo. Figura 13, n.º 28. **FIG. 13**



26



27



28

Figura 13
Cerâmica comum.

0 5 10 cm

3. Em jeito de conclusão

O que concluir do estudo de um conjunto tão heterógeno de dados e que carece de um contexto primário de recolha? Antes de mais, parece-nos relevante sublinhar que transparece destas evidências a riqueza em informação que jaz no leito do Tejo. Que tipo de contextos estarão a ser atingidos e perturbados por esta pesca de arrasto? Serão apenas materiais resultantes de descartes dos navios e que assim sendo, atestam a ampla circulação naval em época romana? Serão dados provenientes de zonas de fundeadouro, onde as embarcações permaneciam a aguardar mudanças na maré? Ou podemos estar perante zonas de naufrágios? Tendo em conta a coerência cronológica de alguns exemplares, esta hipótese é assaz apelativa, ainda que tenhamos que reconhecer careça de provas mais contundentes (Fabião, 2014).

Sendo as ânforas os contentores por excelência de produtos alimentares a longa distância, por via marítima e fluvial, é natural a sua presença onde a intensidade desse comércio se fez sentir. O rio Tejo, verdadeira estrada para o interior da província da Lusitânia, com o seu amplo estuário, a sua extensa navegabilidade e dinâmica dos seus portos, seria à data sulcado por múltiplos navios, que o cruzariam numa intrincada rede de abastecimentos. Temos que ter presente, que durante a antiguidade clássica, a Colónia de *Scallabis* sede do *Convento* Jurídico homónimo, seria então o último porto de mar, onde ainda se faziam sentir as marés, sendo a navegação para cima desta, possível noutro tipo de navios até amplas distâncias (Blot, 2003).

Desde os primeiros trabalhos sobre os conjuntos de ânforas recolhidos no baixo-Tejo e depositados no Museu de Vila Franca, era claro a existência de dois núcleos distintos de materiais, distintos, quer no espaço, quer no tempo (Diogo, 1987-88 e Diogo e Alves, 1988-89). Definiu-se assim, tendo em conta a informação dos seus achadores uma primeira área, nas imediações da atual Póvoa de Santa Iria, onde tem-se recolhido exemplares completos de fabrico Lusitano de dois tipos distintos, contudo contemporâneos, as formas Dressel 14 e Lusitana 3. Sendo de sublinhar a notícia, de que aqui, as redes de pesca que revelaram as ânforas, teriam trazido com estas, pedaços de madeira revelando assim um putativo naufrágio (Diogo e Alves, 1988-89, p. 227). E uma segunda área, procedente de dois locais não localizados de forma satisfatória, nas proximidades de Alhandra e Alcochete, (Diogo e Alves, 1988-89, p. 227). Aqui as ânforas enquadram-se cronologicamente no período romano republicano, séculos II-I a.C. e tipologicamente nas formas Dressel 1 e Dressel 7/11.

Posteriormente a estes estudos, a amostragem de ânforas recolhidas e depositadas no Museu adensou-se, durante o decorrer da década dos anos noventa do século passado, ascendendo a um total de 26 exemplares, sendo 10 deles inteiros. Em 2005, José Carlos Quaresma traz a público um criterioso e exaustivo estudo destes novos materiais, não deixando de reavaliar os já publicados previamente (Quaresma, 2005).

Deste novo estudo sobressaem sem dúvida o conjunto de materiais de época romana republicana, nomeadamente alguns exemplares completos de ânforas Greco-italicas e Dressel 1, assim como um invulgar exemplar completo de Classe 67 (Quaresma, 2005).

Reavaliando os materiais publicados até ao momento e associando-os aos que ora trazemos a público, temos um conjunto total de 43 ânforas (Ver Tabela I). Entre estas destaca-se os contentores Lusitanos que perfazem 44% do material, seguidos das importações Béticas com 30 % e pelas ânforas vinárias Itálicas com 26%.

Gráfico 1 Análise da proveniência das ânforas.

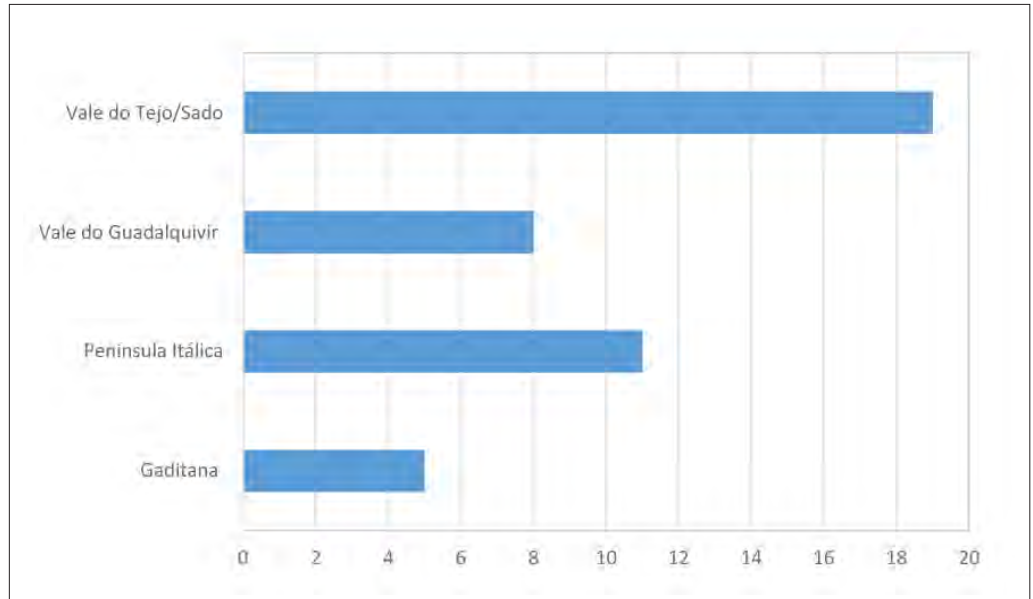
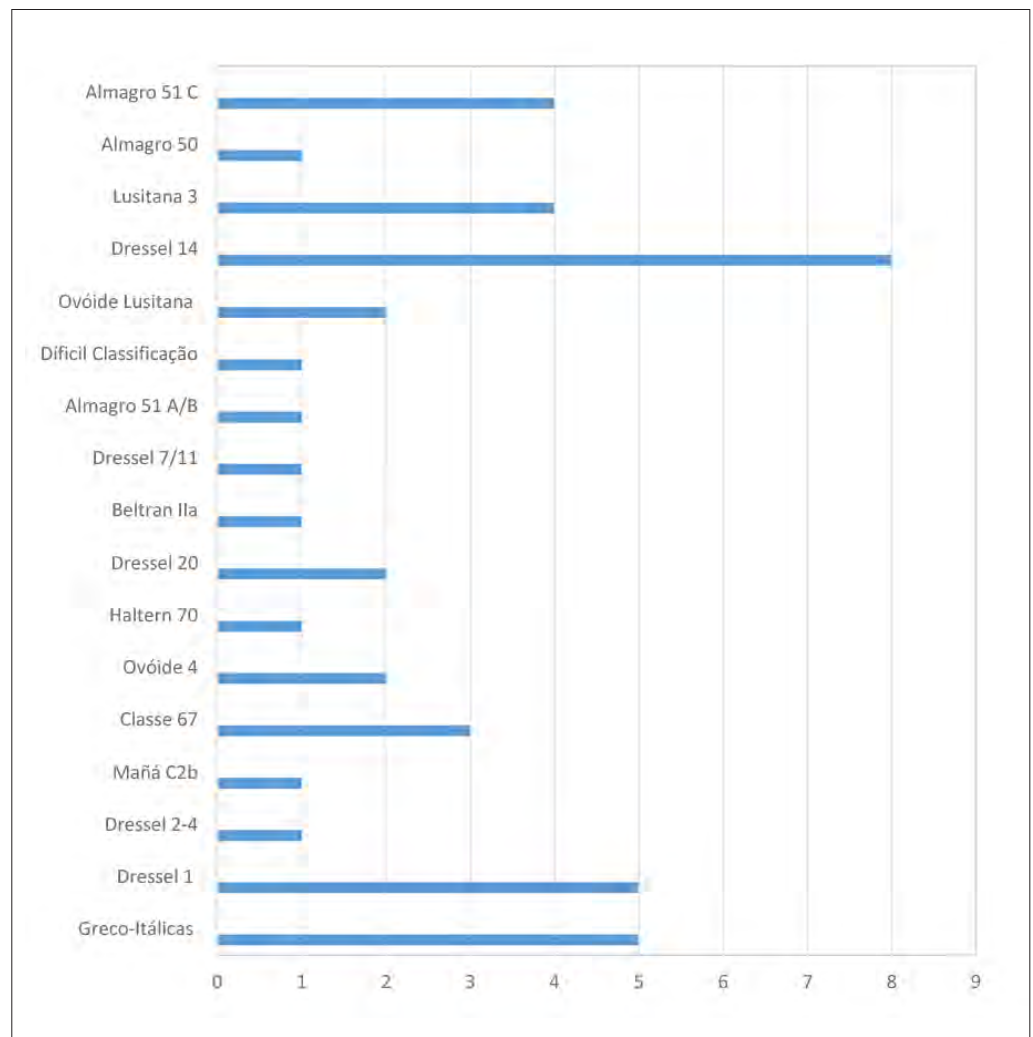


Gráfico 2 Tipos de ânforas representados provenientes do Rio Tejo.



	LOCAL DE DESCOBERTA	N.º DE INVENTÁRIO	TIPOLOGIA	ORIGEM	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
1	Bico do Mouchão da Póvoa	ARQ-125	Dressel 1	Península Itálica	Peça completa à qual falta apenas uma asa.	Quaresma, 2005, n.º 2.
2	Junto a Alhandra	ARQ-71	Dressel 1	Península Itálica	Peça completa a que falta a parte superior.	Diogo, 1987-88, fig. 1; Diogo e Alves, 1988-89, n.º 4. Quaresma, n.º 4
3	Mouchão da Póvoa	ARQ-124	Dressel 1	Península Itálica	Bordo e colo com arranque de asa	Quaresma, 2005, n.º 5.
4	Rio Tejo	ARQ-152	Dressel 1	Península Itálica	Fragmento de bojo com arranque de asa.	Quaresma, 2005, n.º 8.
5	Em frente a Alhandra	MMVFX04463	Dressel 1	Península Itálica	Peça completa a que falta a parte superior.	Inédita
6	Rio Tejo	ARQ-187	Dressel 2-4	Península Itálica	Fragmento de bocal com uma asa.	Inédita
7	Entre Alcochete e o Mouchão da Póvoa	ARQ-123	Greco-italica	Península Itálica	Bordo completo, colo com arranque de pança e duas asas	Quaresma, 2005, n.º 1.
8	Mouchão da Póvoa	ARQ-76	Greco-italica	Península Itálica	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 3.
9	Junto a Alhandra	ARQ-78	Greco-italica	Península Itálica	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 6.
10	Mouchão da Póvoa	ARQ-118	Greco-italica	Península Itálica	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 7.
11	Entre Alverca e Alhandra	ARQ-180	Greco-italica	Península Itálica	Peça completa a que falta a parte inferior.	Inédita
12	Ao largo de Alverca	ARQ-80	Classe 67	Vale do Guadalquivir	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 10.
13	Mouchão da Póvoa	ARQ-83	Classe 67	Vale do Guadalquivir	Peça completa a que falta a parte inferior.	Quaresma, 2005, n.º 11.
14	Mouchão da Póvoa	MMVFX17413	Classe 67	Vale do Guadalquivir	Peça completa a que falta a parte inferior.	Inédita
15	Rio Tejo	ARQ-188	Dressel 20	Vale do Guadalquivir	Fragmento de bocal com arranque de asa.	Inédita
16	Rio Tejo	ARQ-189	Dressel 20	Vale do Guadalquivir	Fragmento de bocal com arranque de asa.	Inédita
17	Em frente a Alhandra	ARQ-184	Haltern 70	Vale do Guadalquivir	Bocal completo	Inédita
18	Mouchão da Póvoa	ARQ-121	Ovóide 4	Vale do Guadalquivir	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 12.
19	Rio Tejo	ARQ-183	Ovóide 4	Vale do Guadalquivir	Bocal completo	Inédita
20	Mouchão da Póvoa	ARQ-120	Béltrán IIa	Gaditana	Bordo e colo com asas	Quaresma, 2005, n.º 15.
21	Em frente a Alhandra	ARQ-186	Difícil classificação	Gaditana	Fundo e arranque de pança.	Inédita
22	Rio Tejo	ARQ-157	Almagro 51 A – B Bética	Gaditana	Bordo com duas asas e arranque de pança	Quaresma, 2005, n.º 27.
23	Junto a Alcochete	Colecção particular	Dressel 7/11 ou Dressel 11	Gaditana	Peça completa.	Diogo e Alves, 1988-89, n.º 5. Quaresma, 2005, n.º 13.
24	Mouchão da Póvoa	ARQ-122	Mañá C2b	Gaditana	Peça completa a que falta a parte inferior.	Quaresma, 2005, n.º 9.
25	Rio Tejo	ARQ-195	Almagro 50	Vale do Tejo/Sado	Fragmento de bordo com arranque de asa.	Inédita
26	Rio Tejo	ARQ-141	Almagro 51c	Vale do Tejo/Sado	Fundo e arranque de pança.	Quaresma, 2005, n.º 26.

27	Rio Tejo	ARQ-192	Almagro 51c	Vale do Tejo/ Sado	Bocal completo com arranque de asas.	Inédita
28	Rio Tejo	ARQ-193	Almagro 51c	Vale do Tejo/ Sado	Bocal completo com arranque de pança.	Inédita
29	Rio Tejo	ARQ-194	Almagro 51c	Vale do Tejo/ Sado	Bocal completo com arranque de asas.	Inédita
30	Junto à Póvoa de Santa Iria	Colecção particular	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa.	Diogo e Alves, 1988-89, n.º 3. Quaresma, 2005., n.º 16.
31	Mouchão da Póvoa	AR-82	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa a que falta o funfo.	Quaresma, 2005, n.º 17.
32	Mouchão da Póvoa	ARQ-75	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa a que falta o funfo.	Diogo e Alves, 1988-89, n.º 2. Quaresma, 2005., n.º 18.
33	Rio Tejo	ARQ-155	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa a que falta a parte superior.	Quaresma, 2005, n.º 19.
34	Mouchão da Póvoa	ARQ-119	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça com arranque das asas e bico fundeiro	Quaresma, 2005, n.º 20.
35	Mouchão da Póvoa	ARQ-126	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Fundo e fragmento de pança.	Quaresma, 2005, n.º 21.
36	Em frente a Alhandra	ARQ-190	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa a que falta a parte inferior.	Inédita
37	Em frente a Alhandra	ARQ-191	Dressel 14	Vale do Tejo/ Sado	Fragmento de colo com parte da pança.	Inédita
38	Rio Tejo	ARQ-149	Lusitana 3	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 22.
39	Entre Alcochete e o Mouchão da Póvoa	AR-70	Lusitana 3	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa.	Diogo e Alves, 1988-89, n.º 1. Alves de Carreira, 1994, p. 265. Quaresma, 2005., n.º 23.
40	Rio Tejo	ARQ-105	Lusitana 3	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa.	Quaresma, 2005, n.º 24.
41	Rio Tejo	ARQ-140	Lusitana 3	Vale do Tejo/ Sado	Fundo e arranque de pança.	Quaresma, 2005, n.º 25.
42	Rio Tejo	ARQ-156	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/ Sado	Peça completa à qual falta apenas uma asa.	Quaresma, 2005, n.º 14.
43	Em frente a Alhandra	ARQ-185	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/ Sado	Fundo e arranque de pança.	Inédita

BIBLIOGRAFIA

- AGUAROD OTAL, C. (1991) – *Cerámica común romana de cocina en la Tarraconense*. Saragoça: Institución “Fernando el Católico”.
- ALMAGRO, M. (1955) - *Las necrópolis de Ampurias*. Barcelona
- ALMEIDA, R. R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal)*. *Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Col. Lección Instrumental. 28. Barcelona. Publicacions Universitat de Barcelona
- ALVES, F.; CARREIRA, J. R. (1994) – Lisboa submersa. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 261-274.
- AMARO, C.; BUGALHÃO, J.; SABROSA, A. (1996) – Complexo fabril romano na Rua Augusta notícia preliminar. *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara municipal do Seixal. Publicações Dom Quixote. p. 199-214.
- ARRUDA, A. M. e VIEGAS, C. (2004) – Les Mortiers de l’Alcáçova de Santarém (Portugal). *SFECAG. Actes du Congrès de Vallauris*, p. 341-349.

- BENOIT, F. (1957) – Typologie et Épigraphie amphoriques : Les marques de SESTIUS. In *Rivista di Studi Liguri*. 23, p. 247-285.
- BENOIT, F. (1961) – *Fouilles Sous-Marines – L'Épave du Grand Congloué A Marseille*. XIV Supplément A Gallia. Centre National de la Recherche Scientifique. 15. Paris.
- BERNI MILLET, P. (1998) – *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña Romana*. Col·lecció Instrumenta 4, Barcelona, Universitat de Barcelona.
- BERNI MILLET, P. (2008) – *Epigrafia anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. Col·lecció Instrumenta. Vol. 29. Publicacions i Edicions UB. Barcelona.
- ciudades marítimas e flúvio-maítimas em Portugal*. Trabalhos de Arqueologia. N.º 28. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- BERNI MILLET, P.; GARCÍA VARGAS, E. (2016) – Dressel 20 (Guadalquivir Valley). *Amphorae ex Hispania*. Landscapes of production and consumption. (<http://amphorae.iac.cat/amphora/dressel-20-guadalquivir-valley>), 23 November, 2016.
- BLOT, M. L. P. (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-maítimas em Portugal*. Trabalhos de Arqueologia. N.º 28. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- BLOT, M. L. P.; RODRIGUES, S. (2003) – O Rio Tejo e a circulação aquática. Materiais submersos e breve história de um complexo portuário. In *Catálogo Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Museu Municipal Núcleo-Sede. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 71-80.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2011) – Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas Emeritenses. *Zephyrus*. N.º LXVII. Universidade de Salamanca, p. 161-170.
- CIPRIANO, M. T. ; CARRE, M. B. (1989) – Production et typologie des amphores sur la côte adriatique de l'Italie. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Collection de l'École Française de Rome. 114. École Française de Rome. Rome, p. 67-104.
- COLLS, D.; ÉTIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F. (1977) – L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude. *Archaeonautica* 1. Editions du CNRS. Paris.
- CONSPECTUS= ETTLINGER, E. et al (2002): *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn (Materialen zur romischgermanischen Keramik, Heft 10).
- DIOGO, A. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O arqueólogo Português*. Série IV. Vol. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. D. (1987a) – Ânforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos) no Museu do Mar, Arqueologia, 16, Porto, pp.112-114.
- DIOGO, A. M. D. (1987-88) – Notícias de dois vestígios romanos no Concelho de Vila Franca de Xira, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2, p.107-112.
- DIOGO, A. D.; ALVES, F. (1988-89) – Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal, O Arqueólogo Português, Lisboa, 4ª série: 6-7, p.227-240.
- DRESSEL, H. (1899) – CIL XV: Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum. Berlin.
- FABIÃO, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ / INIC.
- FABIÃO, C. (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 169-198.
- FABIÃO, C. (2000) – Sobre as mais antigas ânforas «romanas» da Baetica no ocidente peninsular. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 665-682.
- FABIÃO, C. (2004) – Centros oleiros da Lusitânia. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Congresso Internacional Figlinae Baetica. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a. C. –VII d.C)*. Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Cádiz. (12-14 de Noviembre de 2003). BAR Internacional Series 1266. Vol. 1, p. 379-410.
- FABIÃO, C. (2014) - Uma história resgatada ao mar. Vestígios das rotas marítimas romanas nas costas portuguesas: O Tempo Resgatado ao Mar (Catálogo de Exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2014, p. 99-104.
- FILIFE, V. (2015) – As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): Campanhas 2001-2006. *Spal*. 24, p. 129-163.
- GARCIA VARGAS, E.; BERNAL CASASOLA, D. (2008) – Ânforas de la Bética. In *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la Cuestión*. D. Bernal Casasola y Albert Ribera Lacomba (eds.). Universidade de Cádiz 2008, p. 661-687.
- GARCÍA VARGAS, E.; ALMEIDA, R. R.; GONZÁLEZ CESTEIRO, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *SPAL. Revista de Prehistoria y arqueologia*. N.º 20. Universidad de Sevilla.

- GATEAU, F. (1990) – Amphores importées durant le II^e s. av. J.-C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 13, p. 163-183.
- HESNARD, A. LEMOINE, C. (1981) – Les amphores du Cécude et du falerne: Prospection, typologie et analyses. In *Mélanges de l'École Française de Rome (Antiquité)*. 93, p. 243-295.
- HESNARD, A. ; MONIQUE, R. ; ARTHUR, P. ; PICON, M. ; TCHERNIA, A. (1989) – Aires de production des gréco-italiques et des Dr. 1. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Collection de l'École Française de Rome. 114. École Française de Rome. Rome, p. 21-65.
- KEAY, S.J. (1984) - *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. BAR International Series, vol. 136, Oxford.
- JONCHERAY, J.P. (1973) – Céramique arétine de l'épave D du Cap Dramont (Saint Raphaël). In *Révue Archéologique de Narbonnaise*. Vol. 6. Lattes: C.N.R.S., p. 275-284.
- LAMBOGLIA, N. (1955) – Sulla cronologia delle anfore Romane di Età repubblicana (II-I Secolo A. C.). In *Rivista di Studi Liguri*. Museo Bicknell. Bordighera. 22, p. 241-270.
- LAUBENHEIMER, F. (1990) – *Le Temps des Amphores en Gaule. Vins, huiles et Sauces*. Collection des Hespérides. Paris. Editions Errance.
- LOESCHKE, S. (1909) – Keramische funde in Haltern. *Mitteilungen de Altertumskommission für Westfalen* 5, p. 103-322.
- MANACORDA, D. (1981) – Produzione agricola, produzione ceramica e proprietari nell'ager Cosanus nel I a. C. In *Merci, mercati e scambi nel mediterraneo*. Editori Laterza. Roma – Bari, p. 3-54.
- MATALOTO, R. ; WILLIAMS, J. ; ROQUE, C. (2016) – Amphorae at the Origins of Lusitania: Transport Pottery from Western Hispania Ulterior in Alto Alentejo. In I.V. Pinto, R.R. de Almeida, A. Martin (eds.). *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford, p. 139-151.
- MAYET, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris.
- MAYET, F.; SILVA, C.T. (2009) – *Olaria Romana do Pinheiro / L'Atelier d'Amphores de Pinheiro*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal.
- MAZA, G. (1998) – Recherche méthodologique sur les amphores gréco-italiques et Dressel 1 découvertes à Lyon IIe-Ier siècles avant J.-C. In *Actes du Congrès d'Istres*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 11-29.
- MOLINA VIDAL, J. (1997) – *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil- Albert.
- MORAIS, R. (1998) – *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.
- MORAIS, R. (2004) – Bracara Augusta: um pequeno “testaccio” de ânforas Haltern 70. Considerações e problemáticas de estudo. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C – VII d.C.)*, B.A.R., International Series, 1266, Oxford, p. 545-565.
- MORAIS, R.; FABIÃO, C. (2007) – Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005. B.A.R., International Series 1686, Oxford, p.127-133.
- NOLEN, J. U.S. (1985) – Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo. Fundação da Casa de Bragança. Lisboa.
- NUNES, J. C.; FABIÃO, C. ; GUERRA, A. (1990) – As Lucernas do acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil). In *Conimbriga*. Coimbra. XXIX, p. 69-90.
- OLMER, F. (1998) – À propos de la consommation du vin en Bourgogne (IIe-Ier s.av.n.è): deux remarques sur les Dressel 1. In *Actas do 2 Colloqui internacional d'arqueologia Romana. El vi a l'antiguitat – Economia, Producció i Comerç al Mediterrani Occidental*. Museu de Badalona. Monografies Badalonines. n.º 14, p. 465-471.
- OLMER, F. (2003) – *Les amphores de Bibracte -2 – Le commerce du vin chez les Éduens d'après les timbres d'amphores*. *Catalogue des timbres de Bibracte 1984-1998*. *Catalogue des Timbres de Bourgogne*. Centre Archéologique Européen (Bibracte; 7.).
- PANELLA, C. (1981) – La distribuzione e i mercati. In *Merci, mercati e scambi nel mediterraneo*. Editori Laterza. Roma – Bari, p. 55-80.
- PEACOCK, D. P. S. ; WILLIAMS, D. F. (1987) – *Amphorae and the Roman Economy. An introductory guide*. London. Longman Publications.
- PEREIRA, C. (2008) – *As Lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado em pré-história e Arqueologia apresentado á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. *Trabalhos de Arqueologia*. N.º 41. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- PIMENTA, J. (Coord.) (2013) – *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira/ Museu Nacional de Arqueologia.
- PIMENTA, J. (Coord.) (2015) – *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PINTO, I. V.; MORAIS, R. (2007) – Complemento de comércio das ânforas. Cerâmica comum Bética no território português. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, p. 235-254.
- PINTO, I. V.; ALMEIDA, R.; MAGALHÃES, A. P.; BRUM, P. (2016) – Lusitanian Amphorae at a Fish-Salting Production Centre: Tróia (Portugal). In I.V. Pinto, R.R de Almeida, A. Martin (eds.). *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford, p. 173-194.
- PUIG, A. (2003) – Evolució de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 23-32.
- QUARESMA, J. C. (1995-1997) – Os almofarizes romanos de Povos no contexto do território actualmente português, Boletim Municipal CIRA, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 7, p.25-45.
- QUARESMA, J. C. (2005) – Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Instituto Português de Arqueologia. Ministério da Cultura. N.º 8. Volume 2, p. 403-428.
- QUARESMA, J. C. (2009) – Almofarizes béticos e Lusitanos: Revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 9. N.º 1. Lisboa. Instituto Português de arqueologia, p. 149-166.
- QUARESMA, J. C.; RAPOSO, J. M. C. (2014) – Lusitana 3 (Lusitania occidental). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*. (<http://amphorae.icac.cat/tipol/view/22>), enero 16, 2014.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A.L. (1996) – O Forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara municipal do Seixal. Publicações Dom Quixote, p. 249-266.
- RAPOSO, J. M. C.; ALMEIDA, R. R. (2016) – Almagro 50 (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-50-western-lusitania>), 08 July, 2016
- RAPOSO, J.; VIEGAS, C. (2016) – Dressel 14 (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-14-western-lusitania>). 08 July, 2016.
- REMESAL RODRÍGUEZ, J.; CARRERAS MONFORT, C. (2003) – Historia de la recerca. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 19- 23.
- RICCI, M. (1973) – Per una cronologia delle lucerne tardo-repubblicaine. In *Rivista di Studi Liguri*. XXXIX. 39, p. 168-234.
- SABROSA, A. (1996) – Necrópole romana do Porto dos Cacos (Alcochete). *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Câmara municipal do Seixal. Publicações Dom Quixote, p. 283-300.
- SANMARTÍ GRECO, E. (1985) – Las ánforas romanas del campamento numantino de Pena Redonda (Garray Soria). *Empúrias*. 47, p. 130-161.
- SANMARTÍ GRECO, E. (1992) – Nouvelles données sur la chronologie du Camp de Renieblas V à Numance (Soria, Castilla- León, Espagne). *Documents d'Archéologie Méridional*. 15, p. 417-431.
- SANTOS, C. (2012) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia orientada pelos Profs. Drs. Carlos Fabião e Catarina Viegas. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- SILVA, R. B. (2015) – *Um almofariz itálico com “marca de oleiro” de M. Cimonius Saturninus, de Lisboa*. Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana, 4.
- SIMPLÍCIO, C. (2003) – Rio Tejo. História de algumas histórias por escrever. Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra, Catálogo da exposição, Museu Municipal Núcleo – sede, p71-80.
- TCHERDIA, A. (1986) – *Le Vin de L'Italie Romaine. Essai d'Histoire Économique d'Après les Amphores*. Bibliothèque des Écoles Françaises D'Athènes et the Rome. 261. École Française de Rome. Paris. Difusion de Boccard.
- VIEGAS, C. (2003) – *A Terra Sigillata da Alcôçova de Santarém – Cerâmica, economia e comércio*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. Trabalhos de Arqueologia. 26.
- VIEGAS, C.; RAPOSO, J. M. C.; PINTO, I. V. (2016) – Almagro 51C (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania>), 20 July, 2016
- ZEVI, F. (1966) – Apunti sulle anfore romane I. La tavola tipologica de Dressel. *Archaeologia Classica*, 18, p. 208-247.